

OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOLÓGICAS: DEFINIÇÕES¹

Guilherme Fromm²

RESUMO: o artigo apresenta uma descrição de vários tipos de obras lexicográficas e terminológicas e tenta provar que o título *Dicionário* nem sempre é adequado para suas nomeações. Trata também das estruturas que compõem uma entrada (macroestrutura, microestrutura e sistema de remissivas) e como elas são construídas pelo lexicógrafo/terminólogo.

Palavras-Chave: Lexicologia, Terminologia, Lexicografia, Dicionários.

ABSTRACT: this article presents a description of lexicographical and terminological works and tries to prove that the title *Dictionary* is not always adequate to name these works. It also shows the structures that belong to a dictionary entry (macrostructure, microstructure and remissive system) and how they can be built by the lexicographer.

Keywords: Lexicology, Terminology, Lexicography, Dictionaries.

Quando entramos em uma livraria e vamos procurar por uma obra lexicográfica ou terminológica, encontramos quase que exclusivamente o título “Dicionário”, mas a multiplicidade apresentada nas suas estruturas sugere que uma só denominação não abarca toda essa diversidade. Não deveriam essas obras ter títulos condizentes com o material apresentado? Convém, aqui, definir o que é um dicionário, o que é um vocabulário e o que é um glossário.

Para tanto, apresentaremos uma proposta de normatização da ISO (1990), um modelo de classificação lingüística proposto BARBOSA (2001, p. 23-45), outro proposto por HAENSCH (1982, pp. 95-103), algumas definições históricas que esse autor nos apresenta acerca da problemática de classificação das obras e, ainda, a proposta adotada pelo CITRAT/USP (ALVES, 2001).

A norma ISO 1087 (ISO, 1990, p. 10) apresenta o dicionário como:

6.2.1 dictionary: Structured collection of lexical units with linguistic information about each item.,

Essa definição distingui-se daquela oferecida para um dicionário terminológico (ou técnico):

6.2.1.1 terminological dictionary (admitted term: technical dictionary): Dictionary (6.2.1) containing terminological data (6.1.5) from one or more specific subject fields (2.2).

¹ Publicado originalmente na Revista Factus, nº 2 (2004) - ISSN 1679-1851.

² Doutor em Língua Inglesa pela FFLCH/USP; professor da Uniban.

Que ainda se distinguiria de um vocabulário:

6.2.1.1.1 vocabulary (admitted term glossary): terminological dictionary (6.2.1.1) containing the terminology (5.1) of a specific field (2.2) or of related subject fields (2.2) and based on terminology work (8.2)

Percebemos que a definição de *dicionário* é clara, mas a distinção entre o que é um dicionário terminológico/técnico e um vocabulário/glossário parece não ser tão clara. Afinal, o que basicamente diferenciaria um dicionário técnico de um vocabulário é que o segundo se basearia em um trabalho terminológico. As perguntas que ficam são as seguintes: um dicionário terminológico não precisaria também de um trabalho terminológico de preparação? Afinal, existe ou não diferença entre glossário e vocabulário (que aqui são considerados sinônimos³)?

De acordo com BARBOSA (2001, p.39), devemos classificar os tipos segundo os níveis de atualização da língua. Os dicionários de língua se encaixariam no nível do sistema, trabalhando com todo o léxico disponível e manifestando-se através do lexema. Os vocabulários (fundamentais, técnico-científicos e especializados) estariam no nível da norma e trabalhariam com conjuntos vocabulários (ou terminológicos), manifestando-se através dos vocábulos ou termos. Os glossários se encontrariam no nível da fala e trabalhariam com os conjuntos manifestados em determinado texto, manifestando-se através das palavras.

Podemos esquematizar essas e outras informações apresentadas pela autora da seguinte maneira:

Dicionário	Vocabulário	Glossário
<i>Nível do sistema</i>	<i>Nível da norma</i>	<i>Nível da fala</i>
Trabalha com todo o léxico disponível e o léxico virtual	Trabalha com conjuntos manifestados dentro de uma área de especialidade	Trabalha com conjuntos manifestados em um determinado texto
Unidade: lexema (significado abrangente; frequência regular)	Unidade: vocábulos/termos (significado restrito; alta frequência)	Unidade: palavras (significado específico; única aparição)
Apresenta (teoricamente) todas as acepções de um mesmo verbete	Apresenta todas as acepções de um verbete dentro de uma área de especialidade	Apresenta uma única acepção do verbete (dentro de um contexto)

3 Na norma ISO, a entrada em inglês difere da entrada em francês, uma vez que naquela são considerados termos sinônimos.

		determinado)
Perspectivas: diacrônica, diatópica, diafásica e diastrática	Perspectivas: sincrônica e sinfásica	Perspectivas: sincrônica, sintópica, sinstrática e sinfásica

HAENSCH (1982, p. 106), assim como as normas ISO, considera a palavra **vocabulário** sinônima de **glossário**. O glossário seria relacionado às palavras de um texto ou de um autor ou ainda um:

Repertorio de palabras, en muchos casos de términos técnicos (monolingüe o plurilingüe), que no se pretende ser exhaustivo, y en que la selección de palabras se ha hecho más o menos al azar; por ejemplo, glosario de términos ecológicos español-inglés..

De um modo geral, o autor trabalha com o conceito de dicionários, deixando os glossários (ou vocabulários) em segundo plano.

Ele propõe várias classificações para as obras lexicográficas, entre as quais podemos citar as seguintes dualidades: semasiológicas x onomasiológicas, normativas x descritivas e monolíngües x plurilíngües (bilíngües).

Entre as obras classificadas como onomasiológicas⁴, teríamos os dicionários pictóricos, ortoépicas, ortográficas, de formação das palavras, de construção e regime (valência), de colocações, de dúvidas e de sinônimos. As obras semasiológicas⁵ seriam compostas por dicionários de fraseologia, modismos, refrões, neologismos, históricos e os dicionários de língua em ordem alfabética, os mais comuns.

As obras podem apresentar também um caráter prescritivo (especialmente obras voltadas para estudantes) ou, na grande maioria, descritivo, contentando-se em mostrar o uso dos vocábulos.

Quanto à língua, dividem-se em monolíngües (como um dicionário geral de uma língua determinada) ou plurilíngües (destacando-se aí os dicionários bilíngües para aprendizagem de idiomas e os dicionários multilíngües técnicos).

4 A composição da macroestrutura seria por agrupamentos de assuntos, matérias ou conceitos. Portanto a microestrutura parte do significado para o significante.

5 A macroestrutura é apresentada em ordem alfabética. A microestrutura parte do significante para o significado.

Um modelo, usado em algumas publicações pelo CITRAT/USP, de acordo com AUBERT (2001, p. 7), adota o termo *glossário* para uma obra terminológica desenvolvida no campo da economia:

..., este Glossário é consistente com a linha de investigação adotada pelo CITRAT, sob inspiração do modelo franco-canadense, que enfatiza, sobretudo, a situação de uso. Oferece, deste modo, uma sistematização daquilo que os usuários da terminologia efetivamente empregam em seu domínio de conhecimento e esfera de atuação (no caso em tela, na interação com o público leitor). Retrata a prática terminológica corrente, sem pretensões normativas, ou seja, sem impor a esses mesmos usuários parâmetros de ‘certo’ e de ‘errado’.

Em vista de todas essas conceituações, normativas ou não, fica patente que a definição quanto ao título das obras nas áreas lexicográfica e terminológica não é unívoca.

Macroestrutura

O princípio mais importante na ordenação da macroestrutura, segundo HAENSCH (1982, p. 452), é a ordem alfabética das entradas. Numa obra terminológica, é possível também a ordenação por família de palavras, de modo que a primeira (um lema) é seguida por suas derivações. Essas derivações podem entrar nas macro- ou microestruturas.

Existem várias possibilidades de levantamento da macroestrutura, desde a cópia de outras obras lexicográficas/terminológicas, passando por opiniões de especialistas sobre o que deveria compor essa nomenclatura, até uma obra que apresente todos (ou um número determinado) os verbetes baseados na frequência com que apareçam dentro de um *cópus* (de especialidade ou não).

Muitas obras não atentam para esse detalhe e acabam misturando as acepções, que ora entram na macroestrutura, ora fazem parte da microestrutura. Temos como exemplo a entrada: *navio* (hiperônimo) no Dicionário Aurélio Eletrônico (1999). Dentro da microestrutura, entram dezoito acepções diferentes (relação de hiponímia com a entrada principal); na macroestrutura, dentro da família *navio*, mais onze entradas (também hipônimos). Percebe-se que o critério para a divisão entre pertencer à microestrutura de *navio* e ser uma nova entrada dentro da família deveu-se ao uso do hífen (nova entrada) ou não (nova acepção). De um modo geral, todas conformam-se em *lexias* compostas.

Essa mesma entrada, *navio*⁶, no Dicionário Michaelis (1998), possui trinta e duas acepções na microestrutura e oito entradas na macroestrutura, seguindo a mesma divisão do Aurélio entre o uso ou não do hífen. Podemos notar, no entanto, que não há um padrão para o uso do hífen: enquanto no Aurélio temos a entrada *navio-petroleiro*, no Michaelis temos a acepção *navio petroleiro*. De um modo geral, todos são hipônimos de *navio*, mas ora entram na macroestrutura (hipônimos que nem sempre se referem ao hiperônimo no primeiro sema de definição), ora pertencem à microestrutura (como co-hipônimos, novamente não havendo uma constância quanto ao primeiro sema da definição).

O Dicionário Houaiss (2001), embora siga uma estrutura similar àquela utilizada no Michaelis, afirma que podemos ou não usar o hífen nas lexias compostas. Nele a entrada *navio* é apresentada com quinze acepções e mais dezoito entradas. Fica a dúvida quanto ao critério de seleção: devemos incluir novas acepções dentro da microestrutura de *navio* ou criamos novos verbetes? Por que *navio-escola* é uma entrada e *navio oficina* é uma acepção de *navio*?

Já uma obra terminológica bem estruturada, como a de BERGERON (1995?, pp. 26-27), apresenta uma ordenação constante na montagem da macroestrutura. A entrada *FTP*, por exemplo, apresenta somente a explicação que se trata de uma abreviação. Todas as outras acepções entram como novos verbetes (até mesmo aquela em que o verbe se apresenta como verbo), dentro da mesma família e em seqüência, sempre repetindo o lema. Essa disposição se repete por toda a obra, facilitando a consulta.

O mesmo acontece na obra de BOUTIN *et al.* (1985, p. 29), cuja entrada *dictionnaire* é o hiperônimo. Todas as outras acepções entram como novos verbetes (hipônimos): *dictionnaire de langue*, *dictionnaire general*, *trésor*, *dictionnaire spécial*, etc. Dentro desses hipônimos, o primeiro sema da definição sempre remete ao hiperônimo.

Microestrutura

É importante também que analisemos a constituição da microestrutura dos verbetes. ANDRADE (2000) define o que seria a microestrutura básica de um verbe: *artigo + enunciado lexicográfico* (EL), que se compõe de três macroparadigmas:

6 O termo *navio* foi selecionado como exemplo tendo em vista a inexistência de um termo com estrutura correlata na área de informática, registrada em dicionários gerais de língua.

- Paradigma Informacional (PI): constituído de abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, etc. Ainda segundo HAENSCH (1982, pp. 480-501), teríamos aqui também as diferenças ortográficas, cronológicas e geográficas, a etimologia, níveis de estilo e conotações, atribuição a uma matéria ou especialidade, marcas registradas, denominações oficiais;
- Paradigma Definicional (PD): descrevem-se os semas ou unidades de significação;
- Paradigma pragmático (PP): contém informações contextuais como exemplos e abonações. HAENSCH (1982, p. 470) subdivide esse conceito entre parte sintagmática (colocações e fraseologia) e/ou parte paradigmática (sinônimos, antônimos, parônimos e hipônimos).

Existiria ainda um paradigma comum em dicionários bilíngües:

- Paradigma de Formas Equivalentes (PFE): fornece a tradução do verbete.

Com exceção do Paradigma Definicional, essas estruturas do enunciado lexicográfico não são fixas. Assim, a configuração básica de uma microestrutura se apresentaria como:

Artigo={+ entrada⁷ + enunciado lexicográfico (+ definição)}

Poderíamos, porém, criar um verbete com a seguinte microestrutura:

Artigo={+ entrada + enunciado lexicográfico (± PI + PD ± PP)}⁸

⁷ O verbete, ou a entrada do dicionário/glossário.

⁸ Onde o sinal + representa a obrigatoriedade e o sinal ± a opção.

A forma como o dicionário/glossário vai ser escrito (construção da macro/microestruturas) depende basicamente do público-alvo ao qual se destina. Essa escolha precisa ser feita com bastante clareza, a fim de evitar problemas futuros de compreensão. CAMPOS (1994, p. 39) afirma que: “...el problema de la claridad de la definición está estrechamente ligado con una cuestión previa: a quién está dirigido el diccionario”.

O autor apresenta o caso do dicionário *Cobuild*, em que a microestrutura seria:

Artigo={+ entrada + enunciado lexicográfico (+ PP [+ entrada] + PD)}

Como podemos perceber, a entrada é repetida no paradigma pragmático, que vem antes do paradigma definicional, facilitando o entendimento por parte do leitor (tese do autor). Ele ainda destaca o uso, por parte dos lexicógrafos, de um vocabulário básico da língua, o que impediria o problema da circularidade nas definições.

Na macro/microestrutura, devemos ter clara a necessidade de definir o usuário final da obra. A partir do momento em que essa escolha é feita, os modelos das estruturas são definidos e devem ser seguidos à risca para uma maior homogeneidade da obra.

Remissivas

As remissivas são as relações, traçadas dentro da obra lexicográfica/terminológica, entre os termos, mantendo a coerência semântica dessa⁹. CABRÉ (1993, p.314) as classifica em dois tipos: informativas e prescritivas. A seguir, observamos as diferenças indicadas pela autora:

Informativas	Prescritivas
<ul style="list-style-type: none"> ○ Os termos se relacionam a fim de aumentar suas denominações ou conceituações. Mostram ainda as relações dentro do mesmo campo semântico. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Um termo remete a outro para mostrar o uso prioritário ou se deve ser evitado, mostrando ainda alternativas.

⁹ Esse tratamento permite que a obra trabalhe, ainda que parcialmente, no nível onomasiológico.

<ul style="list-style-type: none"> ○ São inseridas dentro de um contexto de equivalência ou contraste semânticos. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ São inseridas em virtude de uma política terminológica.
<ul style="list-style-type: none"> ○ Equivalência (sinonímia): variantes, siglas e respectivas formas completas, formas completas e respectivas abreviações, termo e seu nome científico, termo e o símbolo que o representa. ○ Contraste ou inclusão: antônimos, hipônimos, hiperônimos e co-hipônimos. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Classificação dos sinônimos entre prioritários ou secundários.

Segundo BACELLAR (2002, pp. 106-107), as remissivas corrigem o isolamento das mensagens no nível da microestrutura (reconstruindo seu campo semântico) e reúnem entradas equivalentes (sinônimos) no nível da macroestrutura. Elas seriam um tipo de “ricochete de informação”, formando a rede estrutural junto com as macro/microestruturas.

As remissivas deveriam, ainda, segundo a autora, serem explicitadas por meio de uma marca gráfica, como por exemplo: *V.* = ver.

Considerações Finais

Percebemos que nomear uma obra lexicográfica/terminológica como *Dicionário* é mais comum apenas porque valoriza o produto em si, dando-lhe um caráter mais sério, como um dicionário geral de língua.

Pudemos observar, também, que não há consenso quanto à organização macroestrutural dos dicionários, do mesmo modo que esse consenso não se mostra no nível microestrutural dessas mesmas obras. Isso, sem dúvida, dificulta a tarefa do consultante, já que a desorganização leva à demora na consulta e desestimula o uso constante daquilo que para muitos ainda é chamado de “pai dos burros”.

Bibliografia

AUBERT, F. H.. “Prefácio”. In: ALVES, I. M. (Coord.) *Glossário de termos neológicos da economia*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

ALVES, I. M. (Coord.) *Glossário de termos neológicos da economia*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

BACELLAR, F. *Elementos para a Elaboração de um Dicionário Terminológico Bilingüe em Ciências Agrárias*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

BARBOSA, M. A. “Dicionário, vocabulário, glossário: concepções”. In: ALVES, I. M. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

BERGERON, M.; KEMPA, C. *Vocabulaire d’Internet: terminologie dès Technologies de l’information: vocabulaire anglais-français*. Montreal: Office de la langue française, [1995?]

BOUTIN-QUESNEL et alii. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985.

CABRÉ, M. T. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.

CAMPOS, M. C. *Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas*.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI*. Nova Fronteira, 1999.

HAENSCH, G. “Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios”. In: ETTINGER, S. et alii. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

ISO - International Organization for Standardization. Norma 1087: *Terminology - Vocabulary*. Genebra, 1990.

MICHAELIS PORTUGUÊS – *Moderno Dicionário da Língua*. Versão 1.0. São Paulo: DTS, 1998.